

1640

# O DOMINGO

SEMANARIO POPULAR



PATRIA



INDEPENDENCIA

JOÃO PINTO RIBEIRO

I.º ANNO

N.º 9

1885

BRAGA—1.º DE DEZEMBRO 1885

## A restauração da patria

Viva a independencia nacional!

Viva a integridade da patria!

Ecco ainda atravez dos seculos este brado, que irrompeu do coração abrazado em amor pela patria dos intrepidos e ousados restauradores da monarchia portugueza.

Com quanto porém elle ainda levante o espirito nacional, e inflame os verdadeiros filhos da patria, nós exclamaremos tambem—*quam mutatus ab illo!* Que mudança e que differença nos homens e nos tempos! que contrariedade nos sentimentos e nos costumes!

Não nos illudamos: a patria é a mesma de Affonso Henriques, de D. João 1.º, de D. João 4.º e verdade, mas os homens são já tão outros, e tão degenerados que se então alguns traidores houvesse, hoje contar-se-hiam por milhares.

A patria gemia então escrava do estrangeiro, e hoje geme sob o jugo de falsos patriotas. Os valentes que a libertaram eram homens de uma só fé, e por Deus e pela patria sacrificavam tudo. Hoje a oppressão é tanto mais ignominiosa, quanto é falso o amor que dizem ter á patria, e falsa a fé que tem em Deus.

O Deus dos libertadores de 1640 era o Deus de Affonso Henriques; e o Deus dos falsos patriotas é o ventre. Aquelles tudo sacrificavam á patria, estes sacrificam a patria a si mesmos.

E' sancto o amor da patria que é como uma emanção de amor da familia, amor sagrado inspirado pelo dogma divino que nos diz haver só um pae, e um senhor somente;—o que fez o céu e a terra, o que associou o homem em familia, em tribus, em reinos para unidos na mesma fé e no mesmo amor tributarem ao Creador o respeito e adoração devida. Um só povo, uma só familia dividida em grandes grupos pelas grandes correntes dos rios, pelas montanhas que lhe servem de marco pelos mares que lhe estabelece os limites, mas todas animadas do mesmo espirito, obedecendo todos á mesma lei commum, e rendidas sempre A'quelle que disse *ego dominus*.

E' esta a sublime idea da patria que anda tão invertida e desfigurada. Se attendermos pois ao estado em que se acha Portugal facilmente nos convenceremos de que o patriotismo de que fazem alarde muitos portuguezes é falso.

Não ha patriotismo sem religião nem religião sem fé, e é exactamente a fé que falta aos nossos patriotas, e aos nossos governantes.

Vejam a que estado deixaram chegar o culto divino nos principaes templos da patria, nas nossas igrejas cathedraes.

Vejam que amor consagram os governos a esses monumentos da antiga piedade portugueza.

Vejam como as tradições gloriosas do paiz são por elles respeitadas, e como as obras primorosas de nossos maiores, que attestavam o seu ardente patriotismo, são conservadas e veneradas.

Está tudo em ruinas; os antigos conventos, as velhas cathedraes, os ricos mosteiros, as sumptuosas basilicas dizem bem alto qual é o patriotismo dos nossos governantes.

Digam se o patriotismo antigo deixaria fechar templos, trancar institutos de educação, expulsar do claustro varões estudiosos e penitentes, estorvar as vocações; apoderar-se das rendas das igrejas, despojar o clero e extinguir collegiadas, e negar á igreja

o necessario para o culto e para a satisfação das obrigações dos ministros sagrados.

Digam se é patriotismo negar á nação inteira o direito de associação religiosa, ou de servir a Deus mais perfeitamente.

Digam se é patriotismo abusar de tal sorte do direito de tributar, que estão reduzindo á miseria muitos proprietarios e familias inteiras.

Digam se é patriotismo esfolar-nos a nós, estudantes, exigindo-nos propinas tão desmarcadas, e obrigando-nos a estudos tão aturados, e muitas vezes impossiveis por falta de talentos para essas disciplinas

Digam se é patriotismo permittir arruaças contra o clero, e offensas contra a moralidade, irreverencias e desacatos á religião.

Digam se é patriotismo os desaforos da imprensa e do theatro e a liberdade da uzura descabellada, e as immoralidades de todo o genero permittidas por lei.

Se isto é patriotismo nós renegamol-o. O verdadeiro patriotismo tem por aliada a fé mais pura no Deus da patria e dos exercitos; e é a este Deus que nós louvamos pela conservação da nossa nacionalidade e da nossa fé catholica.

O rei catholico que saudou os libertadores, logo depois da victoria mandou que em todas as cathedraes do reino todos os annos se agradecesse a Deus este prodigio de misericordia.

Ao templo, pois, e cantemos *Te Deum laudamus*.

## Aurora de 1640

A aurora quando irrompe ás bandas do Oriente  
Aguarellando os ceus n'um pallido clarão,  
Esbate n'um sorrir festivo e dissolvente  
As manchas que deixou na terra a escuridão.

\*  
\*  
\*

Ha na Historia uma aurora, aurora deslumbrante,  
Que teve uma missão igual á de Jesus;  
Veio remir o pulso estrenuo de um Gigante,  
Aniquilando a sombra e derramando a luz.

Coimbra, 1885.

Braulio Caldas.

## João Pinto Ribeiro

«é quasi romance, tudo quanto d'elle se tem escripto»

Alexandre Herculano

I.—Em 1881, dêmos aqui em Braga á luz — na typographia de Gouvea — uma IMITAÇÃO, PARODIA e CEN-TONISAÇÃO de dez estrophes dos LUSIADES de CAMÕES em 1628, por Fr. Christovão Osorio, Religioso Trinitario — com o «alvo patriotico» de commemorar litterariamente o ANNIVERSARIO 301 do nosso HOMERO LUSITANO.

N'este opusculo em 8.º grande — «reeditado em 1884 na mesma officina» — alludimos *incidentemente* a JOÃO PINTO RIBEIRO, de que o DOMINGO dá hoje aos leitores o retrato *xilographico*, e nós estas linhas desataviadas, em merecida censura aos TITOS LIVIOS enfatuados, que o hyssopeam como ALMA DA RESTAURAÇÃO de 1640, e como CHAVE DO SEGREDO da CONSPIRAÇÃO FIDALGA d'então.

II.—Eis-aqui o nosso *contexto* alludido:



«Nem perderemos a *oportunidade* da occasião para uma RECTIFICAÇÃO IMPORTANTE, em homenagem á VERDADE HISTORICA ultrajada a cada passo no ENSINO SECUNDARIO nos LYCEUS, onde com reverencia a deveriam acatar—NA CADEIRA DA HISTORIA—os PRECEPTORES que a offendem».

«Alludimos ao chamar-se a JOÃO PINTO RIBEIRO a ALMA DA RESTAURAÇÃO da 1640—planeada secretissimamente desde 1638 com ELECTRISAÇÃO do SIEUR DE SAINT PÉ, DIPLOMATA FRANCEZ, de quem se não esquecêra a HISTORIA DE PORTUGAL por uma *Sociedade de Homens de Letras*, no Tom. VI. Pag. 17:—quando só em 12 do Outubro d'esse anno fôra PINTO RIBEIRO INICIADO na CONSPIRAÇÃO, em casa de D. Antão d'Almada:—o que SEM REPLICA é constante do *Conde da Ericeira* no PORTUGAL RESTAURADO, Tom. I. Pag. 88—alem de CORROBORADO com o TESTIMUNHO do mesmo PINTO RIBEIRO em 1642, na sua USURPAÇÃO, RETENÇÃO, E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL, na pag. 220».

III.—O indefesso indagador historico, VISCONDE DE SANCHES BAENA, deu á luz em Lisboa em 1882—na typographia de Matos Moreira & Cardosos—um *opusculo* á cêrca de JOÃO PINTO RIBEIRO, onde o *esboçado* por nós é amplamente *desenvolvido*, e cuidadosamente *documentado*.

Tem por titulo este *opusculo* NOTAS E DOCUMENTOS INEDITOS para a BIOGRAPHIA de João Pinto Ribeiro:—opusculo não compulsado dos «illustres vogaes» do CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA DO REINO, visto mandarem seguir *agora* como TEXTO da HISTORIA PATRIA—nas aulas respectivas dos nossos lyceus—o COMPENDIO DE HISTORIA do fallecido Dr. Doria.

IV.—Se os *illustrss alludidos* tiveram acaso compulsado as NOTAS E DOCUMENTOS;—se tiveram folheado ao menos o DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO pelo nosso Brito Aranha com proficuidade *continuado*, embora com *omissões* como a da nossa IMITAÇÃO no artigo PINTO RIBEIRO; deveriam de certo impressional-os no alludido COMPENDIO—onde a HISTORIA PATRIA é a PARTE PEIOR de todas—os DESACERTOS que passamos a transcrever:

«JOÃO PINTO RIBEIRO, mordomo do DUQUE DE BRAGANÇA—cordialmente affeiçoado a seu amo—FOMENTOU, QUANTO PÔDE, O DESGÓSTO GERAL CONTRA A HISPANIA, ENTRE AS PESSOAS DE TODAS AS CLASSES.—D'ESTE MODO, GRANGEOU POUCO A POUCO OS-ZELOSOS DA PATRIA».

V.—Nem ELLES deixariam de mandar substituir ISTO para logo—como *sumilheres* que devem ser da *única realzea indesthronisavel*, a que o MUNDO dá o NOME AUGUSTO de VERDADE—com *estas linhas* das mesmas NOTAS E DOCUMENTOS na pag. 17, onde se realça a VERDADEIRA ALMA da RESTAURAÇÃO de 1640, e a VERDADEIRA CHAVE DO SEGREGO da CONSPIRAÇÃO FIDALGA d'então:

«O GOVERNO FRANCEZ—representado então pelo CEBRE MINISTRO de LUIZ XIII—tractou pelo seu emissario LE SIEUR DE SAINT PÉ, não só de RESOLVER os PORTUGUEZES a lançarem fóra o JUGO EXTRANGEIRO, mas ainda os CONVIDAVA a que ACCELERASSEM esse feito, MEDIANTE O SEU VALIOSO e DESINTERESSADO AUXILIO».

E a estes ASSERTOS imparciaes e sinceros—francos e rasgados—é que só cabe a applicação d'este *verso* de CAMÕES no SONETO I das RHYTHMAS:

«Verdades puras são, e não defeitos».

VI.—Não se creia no entanto, que não prestasse JOÃO PINTO RIBEIRO—na RESTAURAÇÃO de 1640—*serviços* e *auxilios de patriota*, no pequeno decurso de 12 do Outubro d'esse anno até 1 do Dezembro d'então.

O que elle não fizera—e de novo o repetimos—foi o que os seus TITOS LIVIOS phantasiavam INSCIENTES, e phantasiavam com elles os PRECEPTORES da HISTORIA nos LYCEUS NACIONAES, acorrentados como *qualquer aldeão* da PENE DA no Minho, ou de NANTES em *Traz-os-Montes*, aos SONHOS da RELAÇÃO DE TUDO O QUE SE PASSOU NA FELICE ACCLAMAÇÃO DO REI D. JOÃO IV—onde o NUMERO

dos CONSPIRADORES é computado em 103, sendo o dos FIDALGOS em 68 e o dos NOBRES em 35, ENTRANDO JOÃO PINTO RIBEIRO na cathogoria dos primeiros!

VII.—No INDICE CHRONOLOGICO de João Pinto Ribeiro—honorador do PORTO onde nascêra, ornamento da classe clerical a que pertencia, e exalçador da UNIVERSIDADE DE COIMBRA em que fôra lente—acha-se a NOTA da SUPPRESSÃO LEGAL, e RECOLHIMENTO CONSECTANEO, da alludida RELAÇÃO malfadada, nascida SEM PATERNIDADE ostensiva, e por isso lançada ANONYMA na RODA dos EXPOSTOS LITTERARIOS.

Acha-se no Tom. VI, Sess. 2.<sup>a</sup> dos ADDITAMENTOS, Pag. 5—com o «nome legal» de DECRETO de 20 d'Outubro de 1641.

VIII.—N'esta CONDENNAÇÃO OFFICIAL, transluz a *prova explicita* das OFFENSAS d'essa RELAÇÃO á VERDADE HISTORICA, relativa a essa EPOCHA MEMORANDA:—e não é d'ellas a menor sem duvida, o exornar-se ali com *pennas de pavão* a PINTO RIBEIRO, filho egregio de LISBOA—e não de ARNOIA em BASTO, como d'uma *correspondencia* de LAMEGO para o JORNAL DO PORTO—em 1868—extractára o DIARIO POPULAR de LISBOA em 5 de Dezembro, N.<sup>o</sup> 795.

Na UNIVERSIDADE de COIMBRA, onde PINTO RIBEIRO cursára a JURISPRUDENCIA CANONICA desde 1607, não apparece elle nos LIVROS DA MATRICULA ali, senão com o simples nome de JOÃO PINTO, filho de MANUEL PINTO RIBEIRO, (e só MANUEL PINTO a principio), como natural de LISBOA.

IX.—FRANCISCA RIBEIRO DA SILVA—irman de João PINTO RIBEIRO—casou em 7 de Junho de 1625 com Manuel de Sousa Pereira, filho de Manuel Brochado e Anna Villela, assistentes na famigerada frêguezia vinicola de GATÃO—como nos documentam os LIVROS PAROCHIAES de LUFREI em AMARANTE.

Entre os *descendentes successivos* d'este TRONCO GENEALOGICO, um JOÃO PINTO RIBEIRO nos apparece, filho de Paschua de Sousa da Silva, em LUFREI baptisada em 18 d'Abril de 1626, e casada com Manuel de Matos Brochado, natural da frêguezia da MAGDALENA em AMARANTE:—e d'aqui proveio sua duvida para os GENEALOGISTAS ALDRAVÕES, «em phrase do *sciente* e *consciente* VISCONDE DE SANCHES BAENA», a confusão de suporem filho de AMARANTE ao nosso escriptor *distincto* JOÃO PINTO RIBEIRO—aqui relanceadamente BIOGRAPHADO.

X.—Este nosso JOÃO PINTO RIBEIRO—fallecido em LISBOA a 10 d'Agosto de 1649, embora se lhe dê 11 tambem por dia do obito—e de que em 1444 um AVOENGO seu, filho do TRONCO PRIMEVO, Gonçalo Ribeiro de Queiroz, era ABBALÉ de CANDEMIL em AMARANTE, a que sobremodo exalça o nome o *nosso antigo discipulo* DR. ANTONIO CANDIDO, *parlamentarista distincto*;—nem LEGITIMOS, nem ILLEGITIMOS, deixára de si DESCENDENTES alguns.

A unica PROLE que o representa na *posteridade*, são os ESCRITOS que por vezes nos legára—e os estudiosos manuseam com aproveitamento—havendo-os até, «com gloria para elle e para nós», vertidos em culta LINGUAGEM EXTRANGEIRA.

O DECANO DO LYCEU BRACARENSE

Pereira-Caldas.

## Luto e galas

(AO 1.<sup>o</sup> DE DEZEMBRO)

Cahiam ferros sobre ferros  
Nos portuguezes opprimidos;  
E eram poucos os desterrados  
P'ra os fidalgos destemidos.  
Era o baquear d'altos cerros

De louros já emmurhecidos;  
 Eram os tetricos enterros  
 De feitos nunca esquecidos.  
 Era um paiz que se finava,  
 Era Portugal que agonisava!

E o forte povo, enfraquecido  
 Com grande tributo que o vexava,  
 Sonhava, pelos ferros abatido,  
 Com roseo porvir que não chegava.  
 Absorto ficava, enternecido,  
 Se os tempos de gloria recordava;  
 Mas, o forte vigor tinha perdido  
 E as duras algemas não quebrava!  
 Era o jazer inconsciente,  
 Do corpo que vive, mas não sente!

Mas, não é muito facil, insultar  
 D'um paiz as glorias e brazões.  
 E' muito custoso aniquilar  
 A terrivel furia dos leões.  
 A' Hespanha não valem os peões  
 Que no reino portuguez faz entrar,  
 O soberano rei fez degolar  
 Da sua patria os vendilhões,  
 E Portugal, livre se apresenta  
 Com o grande impulso dos quarenta!

E hoje, mui contentes nós gozamos  
 Os fructos d'esses feitos denodados;  
 Mais de dous seculos são passados, (1)  
 E ainda... ainda os festejamos.  
 Ainda dos quarenta admiramos  
 A força de vontade e o valor,  
 Inda hoje incendiados de fervôr,  
 Como elle gritaram, nós gritamos:  
 E' comnosco, de Deus a Providencia.  
 Viva Viva a nossa independencia!

Penafiel—85.

M. C. Mesquita.

## O accordar do leão

**O** FATAL exito da jornada d'Africa, emprehendida pelo heroico rei D. Sebastião, foi um verdadeiro desastre para Portugal; e foi-o não só porque, na dolorosamente memoravel batalha de Alcacer-Quibir, a gloriosa nação do extremo occidente da Europa perdeu o seu esperançoso soberano e a flor da sua brilhante fidalguia, e porque alli se empanou o esplendor das armas lusitanas, vencedoras em mil combates, mas também e sobretudo porque, aplanando o caminho á usurpação do rei de Castella, preparava dias de oppressão, lucto e desalento ao povo portuguez.

Não julguemos a empreza pelo seu funesto resultado. Se a expedição do joven, valoroso e desgraçado principe houvesse sido galardoada com o triumpho; se o chorado monarcha tivesse voltado á patria corôado dos loiros da victoria; se não houvesse ficado mallogrado o gratissimo presagio do principe dos poetas portuguezes n'aquelles formosos versos:

«...Vós, ó bem nascida segurança  
 Da lusitana antiga liberdade,  
 E não menos certissima esperança  
 Do augmento da pequena christandade:  
 Vós, ó novo temor da maura lança,  
 Maravilha fatal da nossa idade,

Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
 Para do mundo a Deus dar parte grande...  
 Vós, que esperamos jugo e vituperio  
 Do torpe ismaelita cavalleiro,  
 Do turco oriental, e do gentio  
 Que inda bebe o licor do santo rio...»

Se o pequeno exercito portuguez, capitaneado pelo magnanimo neto de D. João III, tivesse derrotado e submettido as numerosas hostes marroquinas, os resultados d'aquella arrojada empreza teriam sido de incalculavel vantagem para Portugal e para a Europa, os annaes da historia archivariam mais um feito portentoso dos portuguezes, e certo se verificaria a promessa do suavissimo Camões ao «sublime rei»:

«Dareis materia a nunca ouvido canto.»

Mas não o quiz assim a Providencia em seus insondaveis designios: nos aridos areaes d'Alcacer-Quibir desapparecia para sempre o denodado principe e era desbaratado o punhado de illustres portuguezes que o acompanhavam; no throno vasio assenta-se o Cardeal-Arcebispo D. Henrique, ancião bondoso mas fraco, incapaz de sustentar com energia o sceptro de D. Manuel, inhabil para resistir ás insinuações, intrigas e insidias de Castella, e improprio para manter ou reanimar o vigor e a esperanza nos corações desalentados dos portuguezes.

E desgraçadamente, também houve filhos d'esta terra, sempre tam amante da sua liberdade e tam zelosa da sua independencia, que seguiram as partes de Castella; porque

«...tambem dos portuguezes  
 Alguns traidores houve algumas vezes.»

Em balde D. Antonio, prior do Crato, que, senão era o que mais direitos tinha á successão, era ao menos principe portuguez, tenta com as armas na mão fazer valer as suas pretensões e defender a independencia portugueza: as tropas do duque d'Alba facilmente bateram o punhado de portuguezes que se agruparam em torno da bandeira do filho natural do infante D. Luiz, e Philippe II de Castella pôde chamar-se I de Portugal.

Este povo de nautas, de descobridores, de guerreiros e de heroes, que enchera o mundo da fama de suas façanhas, viu a corôa dos seus reis cingida por uma fronte estrangeira; viu a sua patria perder o nome de nação livre e independente, e tornar-se uma provincia sob o dominio de Castella!

E esse dominio, de anno em anno mais oppressor; e esse jugo, cada dia mais pesado e cruel, durou doze lustros!... sessenta annos, que equivaleram a sessenta seculos de tristeza e soffrimento!

Perdiam-se as colonias, padrões do nosso valor e poder; desappareciam as esquadras, destruidas pelas procellas e pelas guerras alheias; os nossos guerreiros iam pelear e morrer na Flandres, no Milaner, na Catalunha, por uma causa que não era a nossa; a nossa artilheria era levada para Hespanha, ficando as nossas praças desmanteladas e desguarnecidas; as quinas de Ourique eram substituidas pelos leões de Castella; a nossa formosa lingua era posta de parte nos actos e nas relações officiaes; o conselho portuguez era alterado a bel prazer do dominador, contra estipulações solemnes; os tribunaes, pela maior parte com sede fóra do reino, faziam justiça, se não de moiro, de castelhano; os tributos, elevados a um grau intoleravel, eram além d'isso escandalosamente desviados do seu destino; o governo de Portugal era entregue a uma estrangeira, a duqueza de Mantua, e a um portuguez degenerado, soberbo e tyrannico, Miguel de Vasconcellos; n'uma palavra, o mais feroz despotismo, a mais dura oppressão, a mais atroz perseguição a quem era ou parecia ser desaffectedo ao rei intruso e usurpador, tinham Portugal sob um jugo de ferro!

(1) E' hoje o 243.º anniversario de tão faustoso dia.



Estava elle, realmente, morto para não mais resurgir?  
Não. O leão, alquebrado de forças, dormia, e como que n'esse longo somno recobrava novo alento, poderosa energia para um accorder terrível!

Quarenta patriotas, quarenta verdadeiros portuguezes metteram hombros á, por ventura temeraria, mas nobre, mas magnanima, empreza de libertar Portugal. Pozeram os olhos em D. João, duque de Bragança, da illustre estirpe de D. Manuel por sua avó D. Catharina, e as suas esperanças não foram frustradas: alli encontraram um principe portuguez que assentassem no throno restaurado. Mas como restaural-o? Como haviam quarenta portuguezes, embora ardentes, entusiasticos e briosos, de defrontar-se com o enorme poder de Castella?

Pois defrontaram-se, e venceram-n'o, e restauraram o throno portuguez!

Foi no 1.º de dezembro de 1640. Por uma notavel e feliz coincidencia, na Epistola do dia liam-se as seguintes palavras do apostolo: «*Frates, hora est jam nos de somno surgere*»; e, a impulso d'aquelles inclitos quarenta, surge d'um somno de sessenta annos o povo portuguez, depõe do throno Philippe IV de Castella, aclama D. João IV, e, castigando com a morte as traições vis e vexames inauditos de Miguel de Vasconcellos, de novo se constitue em nação livre e independente.

Memorando feito! Glorioso dia, em que a nobreza fraterna com a plebe em prol da patria, em que uma D. Philippa de Vilhena, condessa de Athouguia, arma por suas mãos cavalleiros a seus jovens filhos e os manda combater pela mais santa das causas, em que a infima filha do povo não recusa a sua prole, e até os seus braços, á grande obra da redempção nacional!

Podemos pois repetir no anniversario d'esse fausto dia, com o nosso dulcissimo Bocage:

« Cesarões, Viriatos, Apimanos,  
Vós, que, brandindo vingadora espada,  
Tentastes sacudir da patria amada  
O vil, o ferreo jugo dos romanos:

Surgi, vêde-a no sangue de tyrannos  
Inda peores outra vez banhada,  
E a nossa liberdade edificada  
No estrago dos intrusos castelhanos.

Aos senhores do mundo armipotentes  
Arrancastes em tellica porfia  
Parte do louro, que lhe honrava as frentes;

Porém com milagrosa valentia  
Os vossos memoraveis descendentes  
*Fizeram mais, livraram-se n'um dia!*»

Sim, saudemos jubilosos, celebremos com enthusiasmo o anniversario d'esse grande dia!

E não se offendam os nossos visinhos com esta nossa expansão de patriotismo, com esta nossa manifestação nacional. A nobre Hespanha, que, ciosa em extremo da sua independencia, celebra annualmente o anniversario de 2 de maio de 1808, anniversario do começo d'aquella lueta gigante em que espedaçou o jugo napoleonico, não pôde nem deve levar a mal que nós os portuguezes festejemos uma data que nos memora a nossa resurreição nacional.

Somos — e oxalá continuemos a ser! — dois povos amigos e irmãos, porém cada um em sua casa formando familia separada e independente.

A. Moreira Bello.

## Salve! dia 1.º de dezembro!

A ESTRELLA propicia do céu lusitano,  
Tão bella e formosa sempre a luzir,  
Deixou de brilhar, e fôra sumir-se  
Entre os heroes de Alcacer-Quivir!

Camões, moribundo, chora a desdita  
Da patria que amava com todo o ardor:  
Compunge-lhe a alma o vel-a escrava,  
E solta um gemido intenso de dor.

Ao menos, dizia, eu morro com ella,  
E não a verei submissa e servil:  
Anccio a morte que venha livrar-me  
De ver a altivez do tyranno vil.

E em quanto o poeta assim soluçava  
Maguas immensas do seu coração,  
A Hespanha ardidosa dá um rugido,  
Como ante a preza ruge o leão.

Os lusos valentes cedem á força;  
E presos nas garras da escravidão,  
Padecem opprobrios, e são infamados  
Pelo tyranno covarde e villão!

Mas eis que lá surge a estrella fulgente  
Que sessenta annos deixou de brilhar:  
Quebram-se os ferros, pesadas cadeias,  
E obra-se um feito na historia sem par.

A lysia guerreira torna a ser livre,  
E chama á Hespanha povo irmão;  
Mas brada-lhe sempre e ha de bradar-lhe:  
— Ser tua escrava?! jamais, isso não!

F. C.

## 1.º de dezembro

A gloriosa revolução de 1640, poz em relevo, a toda a luz, não só o patriotismo, a dedicação, a lealdade e o esforço benéfico dos portuguezes mais que muito dignos d'este nome, senão tambem a figura odiosa e repellente dos traidores, que vendiam a Patria.

Quando commemoramos, agora, a nossa independencia, e folheamos, em demorado estudo, as paginas brilhantes que esculpem os alevantados feitos dos heroes, que despedaçaram, tão briosamente, os grillhões e as algemas que acorrentavam e mancatavam o povo nosso irmão, e vemos a perfidia de quantos Vasconcellos conspiravam contra a autonomia portugueza, não é dado hesitar na escolha dos sentimentos, que, pela Patria devem animar a nossa alma, o nosso coração, a nossa vontade, emfim.

Entre o anverso e o reverso d'essa grandissima e eloquente medalha ha uma enormissima differença, mas são positivas as attrações da face que reproduz o altissimo feito que restituiu a liberdade a Portugal.

Commemoremol-o e não o esqueçamos para fazermos pela Patria, quanto por sua mãe deve fazer um bom filho.

## 1.º de Dezembro

**E**STA uma data gloriosa nos fastos da monarchia portugueza! A estrella rutilante de Portugal, que se tinha eclipsado em Alcacer-Kibir, no dia 4 de agosto de 1578, reaparece com todo o seu esplendor no dia 1 de dezembro de 1640.

Maravilhosa revolução, se nos é permitido empregar esta palavra para designar o movimento justo e patriótico d'uma nação escravizada por um poder estranho!

Magnifica revolução, que foi legitima em seu principio, rapida na sua marcha, cordata em seu desenvolvimento, decisiva e duravel em seus effeitos, portentosa no juncto de todas as suas circumstancias!

Um pequeno numero de individuos resolvem restaurar a independencia do nosso reino, reatando a cadeia dos gloriosos monarchas, descendentes dos Affonsos e dos Avis, e, n'um momento cabe por terra o throno castelhano para se exaltar o grande D. João IV.

Repercutindo por todo o reino o brado magico da independencia e liberdade, dado em Lisboa, em poucos dias todas as cidades e villas de Portugal secundaram o movimento nacional, destituiram as auctoridades castelhanas e elegeram portuguezes de provada lealdade.

Sessenta annos de dura e humilhante escravidão tinham pesado sobre o nobre povo portuguez, e o tinham reduzido aos ultimos extremos da miseria e de todas as calamidades, desde que D. Sebastião com a flôr da nobreza se foi sepultar nas ardentes plagas africanas.

Apesar de tão tristes circumstancias, alguns fidalgos portuguezes emprehenderam a restauração da patria, acclamando por seu rei ao duque de Bragança D. João, que se achava no seu palacio de Villa-Viçosa, e que tinha ordens terminantes para se apresentar em Madrid a Philippe IV.

Este pensamento já ha muito que actuava na mente d'alguns nobres portuguezes; mas D. João era timido e irresoluto...

Varias tentativas se fizeram para convencer o filho do esforçado D. Theodosio de Bragança; mas D. João a nada se movia, sempre indeciso, sempre indolente...

Mas talvez foi por isto que vingou o projectado plano da restauração. D. João queria mostrar á Europa e ao mundo inteiro que, se o arrojado impeto marcial de D. Sebastião pôde perder esta monarchia, um principe politico e sabio a podia restaurar.

Decidiu-se, enfim, o duque de Bragança a apoiar o voto geral dos portuguezes, a não abandonal-os, a não ser com a corôa, ou no esquite.

No dia 1 de dezembro de 1640 soou o grito da independencia e liberdade, que em breve se espalhou por todos os angulos do nosso reino.

Cousa notavel! A revolução fez-se em Lisboa com tanta unanimidade e rapidez, que na Relação os magistrados, que acabavam de proferir uma sentença em nome de Philippe IV, sem levantar a sessão, julgaram outra causa em nome d'el-rei D. João IV!!!

Outra circumstancia notavel! Durante todo o dia d'esta maravilhosa revolução, não se commetteu o menor insulto, e estiveram as lojas e tendas abertas, como em qualquer dia ordinario.

Memoravel será sempre para os portuguezes o dia 1 de dezembro, que recorda o assombroso feito dos nossos maiores, sacudindo o ominoso jugo de Castella!

Salve, pois, dia glorioso!

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

Portugal captivo e libertado  
1580-1640

O bravo Portugal de antigas eras  
Avassalava o mundo, era gigante!  
Quando brilhava o sol das Primaveras  
Na sua frente augusta e rutilante.

Quando soltava o seu bradar profundo  
Nervoso, allucinado, convulsivo,  
Tremia o ceu e a terra, o mar e o mundo,  
D'esse pulsar de coração altivo.

Porem um dia o filho do Occidente  
Inoffensivo, attraídoado e absorto,  
tal como um corpo exanime, dolente  
Tombou aos pés da Hespanha quasi morto!

Enrolou-se a bandeira desfraldada  
Ao doce murmurar do Guadiana,  
Curvou a frente altiva, allucinada  
Ao toque da trombeta castelhana

\* \* \*

Mas o solo bemdicto dos reis luzos  
Cantado em suavissimas canções  
Não podia embalar os reis intrusos  
No mesmo berço onde embalou Camões.

As flores do jardim do Occidente  
Não q'eriam possuir outro agasalho;  
Queriam ser abrigadas meigamente,  
Queriam a nossa aurora, o nosso orvalho,

As lusitanas brisas, soluçando  
Uma nota d'amor e de saudade,  
Não queriam prepassar meigas, cantando  
Este paiz sem sol de liberdade.

E foi então que ao resplendor d'aurora  
D'um dia formosissimo de luz,  
Portugal proclamou por ahi fóra  
A liberdade que brotou da cruz.

Braga, 85.

Arthur Soares.

## Viva a independencia de Portugal!!

I

**H**A 245 annos, que Filippe III governava Portugal, com o mais acerrimo despotismo, jurando aniquillar o reino e reduzil-o á baixa condição de provincia hespanhola. Os nossos irmãos d'então viviam avergados ás tyrantias d'Hespanha, aguardando impacientes uma hora, que os restituisse á liberdade.

II

Desde o principio da dominação Filippina, Portugal, «este jardim da Europa», como lhe chamou um dos nossos mais eloquentes escriptores, gemia debaixo do jugo insupportavel, que era preciso despedaçr.

A corte de Madrid não se poupava ao menor escandalo.



sentimento: «ainda que a morte fosse a consequencia da coroa, tinha por mais acertado morrer reinando que acabar servindo; de mais, que todos os vaticinios seguravam a empresa, e que assim sómente a dilacão de soccorer podia ser prejudicial.»

### Coragem de um velho de 80 annos

Foi a de D. Miguel d'Almeida, que em meio do paço real, quando tinha sido invadido pelos bons Portuguezes, de espada na mão disse gritando: «Valorosos portuguezes, viva el-rei D. João IV, até agora duque de Bragança, viva; morram os traidores que nos arrebataram a liberdade.»

### Os festejos do 1.º de dezembro no Seminario

Os seminaristas bracarenses, não querendo deixar de patentear o seu patriotismo que também está n'uns corações juvenis, e que tão necessario se torna em quem tem de ser a norma da honradez,—festejarão d'um modo altamente lisongeiro o dia da nossa gloriosa independencia, entre outras cousas com uma comedia-drama, varias scenas comicas e um sarau litterario onde se recitarão algumas poesias e pronunciarão discursos que publicaremos em numeros seguintes.

### Lyceu nacional de Braga

Com todas as veras de nossa alma e possuidos da mais justa indignação, e a exemplo ainda d'aquelles esforçados portuguezes que hoje commemoramos protestamos contra todos os manejos vis e torpes empregados por alguns procuradores á junta geral do districto que tentam tirar-nos a gloria de possuirmos em o nosso Lyceu as duas cadeiras complementares de sciencias de physica e chimica, e algebra, geometria e trigonometria. Hontem ultimo dia das sessões extraordinarias de junta geral, e do ultimo periodo do anno corrente, é que devia ser votada a verba necessaria para aquelle fim. Não acontecendo assim ficaremos mais um anno privados de tão importante melhoramento.

Sentimos não ter espaço para sermões mais explicitos n'esta magna questão e podermos contar todos os meios de que Braga se tem servido para obter o que tanto deseja; no proximo numero fallaremos.

O meeting, realisado no domingo com o concurso de 4000 pessoas de todas as classes e com o maior socego e boa ordem, devia ter produzido o mais brilhante resultado.

### Á uma hora da tarde de hontem

Soubemos agora mesmo, que a junta do districto approvou e votou a quantia precisa, para a creação das cadeiras suplementares, no Lyceu d'esta cidade.

Um voto de louvor aos honrados procuradores, que contribuíram para tão bom melhoramento.

### Á ultima hora

Somos mimosados com a traducção official da encyclica ultima de Sua Santidade, enviada pela Nunciatura Apostolica.

No proximo numero nos occuparemos d'este documento precioso ha tanto tempo desejado pelos catholicos.

## ANNUNCIOS

### Comarca de Braga

#### ARREMATACÃO

No dia 6 do proximo mez de dezembro, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal de esta comarca no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, e pelo cartorio do escrivão abaixo assignado, ha-de proceder-se á arrematacão dos bens seguintes:

A leira de lavradio chamada da Cruz, sita no logar d'este nome, avaliada em 59\$500 reis.

A leira de Matto, sita nas Cruzes, avaliada em 38\$000 reis.

Leira do Poço do Visgo, avaliada em 10\$400 reis.

Leira do Demo ou Nuno, tambem conhecida por nome de Giesta, avaliada em 13\$000 reis.

Leira das Penices, no logar d'este nome, avaliada em 14\$000 reis, e o campo de Segões, avaliada em 1:509\$200 reis.

Todos os referidos predios são situados na freguezia de Celeirós, d'esta comarca, sendo aquelle campo de Segões, parte de praso e parte censuario; e tanto o onus censitico como o emphyteutico d'este campo e das mais propriedades de praso ficam a cargo dos arrematantes. E foram mandados arrematar para pagamentos de dividas no inventario orphanologico, a que se procedeu por fallecimento de Chrispim José Joaquim Ferreira e mulher Violanta Rosa, da dita freguezia de Celeirós, em que é inventariante Maria Joaquina Ferreira, da mesma freguezia.

E pelo presente são citados quaesquer credores incertos para os fins que a lei ordena.

Braga, 17 de novembro de 1885.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. M. da Costa.

(4) O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro.